

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Educação

Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – LASEB

Eliane Gonçalves Fagundes

**O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Itabirito-MG

2025

Eliane Gonçalves Fagundes

**O PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Versão final

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Básica.

Área de concentração: Docência e inclusão escolar: pessoas com deficiência e a prática pedagógica na escola.

Orientadora: Profa. Ma. Esther Augusta Nunes Barbosa

Itabirito-MG

2025

F156p
TCC

Fagundes, Eliane Gonçalves, 1978-

O papel da família no processo de escolarização das crianças com transtorno do espectro autista [manuscrito] / Eliane Gonçalves Fagundes. -- Belo Horizonte; Itabirito, 2025.

47 p. : enc., il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Esther Augusta Nunes Barbosa.

Bibliografia: f. 47.

Apêndices: f. 43-46.

1. Educação. 2. Educação básica. 3. Educação especial. 4. Educação inclusiva. 5. Inclusão em educação. 6. Crianças autistas -- Educação. 7. Transtorno do espectro autista. 8. Família e escola. 9. Autismo.

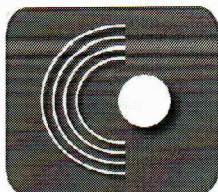
I. Título. II. Barbosa, Esther Augusta Nunes, 1987-.

III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.9

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação em Docência para
Educação Básica

**ATA DE DEFESA DO NONINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO SEGUNDO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DOCÊNCIA E INCLUSÃO ESCOLAR: PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A
PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA**

Aos doze dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e cinco, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização Formação em Docência para a Educação Básica – com o título” **O papel da família no processo de escolarização das crianças com Transtorno do Espectro Autista**”, do(a) aluno(a) **Eliane Gonçalves Fagundes**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Esther Augusta Nunes Barbosa (orientador) e Ana Carolina Machado Ferrari. Os trabalhos iniciaram-se às 8h30, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte, 12 de julho de 2025.

Aluno(a)

Eliane Gonçalves Fagundes
Eliane Gonçalves Fagundes

Registro na UFMG: 2024694378

Esther Augusta Nunes Barbosa
Profa. Ms. Esther Augusta Nunes Barbosa
Orientador(a)

Ana Carolina Machado Ferrari
Profa. Dra. Ana Carolina Machado Ferrari
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva
Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação em Docência para Educação Básica

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema o papel da família no processo de escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com o objetivo principal de compreender de que maneira o suporte familiar influencia a adaptação, a aprendizagem e a inclusão dessas crianças no ambiente escolar. A investigação foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, por meio da aplicação de instrumentos que buscaram captar as percepções tanto de professores quanto de familiares. Os resultados evidenciaram que a participação ativa da família é amplamente reconhecida como fundamental para o desenvolvimento acadêmico, social e emocional das crianças com TEA. No entanto, também foram identificados obstáculos significativos, como a falta de diálogo entre escola e família, a sobrecarga enfrentada pelos responsáveis e a carência de apoio especializado. A partir dessas constatações, o estudo propõe reflexões e caminhos para o fortalecimento da parceria entre escola e família, contribuindo para a construção de práticas mais sensíveis, colaborativas e inclusivas no contexto educacional.

Palavras-chave: transtorno do espectro autista; família; inclusão escolar; educação especial.

ABSTRACT

This research focuses on the role of the family in the schooling process of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), with the main objective of understanding how family support influences the adaptation, learning, and inclusion of these children in the school environment. The study was conducted using a qualitative approach, through the application of instruments aimed at capturing the perceptions of both teachers and family members. The results revealed that active family participation is widely recognized as fundamental to the academic, social, and emotional development of children with ASD. However, significant challenges were also identified, such as the lack of communication between school and family, the burden faced by caregivers, and the lack of specialized support. Based on these findings, the study proposes reflections and pathways to strengthen the partnership between school and family, contributing to the development of more sensitive, collaborative, and inclusive practices in the educational context.

Keywords: autism spectrum disorder; Family; school inclusion; special education.

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha eterna gratidão. Por ser meu alicerce, por me dar um propósito e uma missão, e por me conduzir com amor, cuidado e proteção ao longo de toda essa jornada. Cada passo foi guiado por Sua mão, e cada conquista foi sustentada por Suas bênçãos.

Aos meus familiares, meu sincero agradecimento. Pelo apoio incondicional, pela paciência e pela compreensão demonstrada em todos os momentos do curso. Vocês foram fundamentais para que eu pudesse me manter firme.

À minha orientadora, agradeço profundamente pelo incentivo constante, pela dedicação generosa e pela paciência durante todo o processo de elaboração deste trabalho.

LISTA DE SIGLAS

TEA	Transtorno do Espectro Autista
CEMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
CMAEE	Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade
PEI	Plano Educacional Individualizado
PDI	Plano de Desenvolvimento Individual

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA	18
2. METODOLOGIA	19
3. JUSTIFICATIVA DE PESQUISA	21
4. REVISÃO DE LITERATURA	23
5. O ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NA ESCOLARIZAÇÃO	26
6. RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: RESULTADOS	27
6.1. Acolhimento Escolar e Formação de Parcerias	30
6.2. Capacitação de Professores e Profissionais da Educação	31
6.3. A Perspectiva do Professor sobre a Relação com as Famílias	34
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
8. PROPOSTA DE PLANO DE AÇÃO	42
REFERÊNCIAS	43
ANEXO I - PLANO DE AÇÃO: Estratégias para melhorar a comunicação entre escola e família	44
ANEXO II - PLANO DE AÇÃO: Incentivo ao Envolvimento Familiar nas Atividades Escolares	45
ANEXO III - PLANO DE AÇÃO: Como apoiar seu filho em casa	47

1. INTRODUÇÃO

Ao revisitar minha trajetória educacional e profissional, recordo momentos de alegria, desafios e intenso aprendizado que moldaram a pessoa que sou hoje. Desde a infância, já manifestava uma vocação natural para a docência, demonstrando interesse, dedicação e criatividade. Essa paixão pelo ensino, especialmente na Educação Infantil, sempre esteve vinculada ao profundo amor pelas oportunidades de aprendizado e à troca de experiências proporcionadas pela profissão.

Minha motivação para seguir a carreira de professora nasceu, em grande parte, do prazer de interagir com crianças e da influência de uma família formada por educadores, como minha irmã, primas e cunhada. Esses vínculos familiares não apenas reforçaram minha escolha, mas também me impulsionaram a buscar constantemente o desenvolvimento pessoal e profissional, transformando desafios em oportunidades de crescimento e consolidação de uma carreira que hoje se revela plena de significado.

Realizei o curso de magistério de 1º grau aos 19 anos, concluindo-o em 1997 na Escola Estadual Padre Afonso de Lemos, em Cachoeira do Campo, Ouro Preto, Minas Gerais. Para mim, o magistério era mais do que um desejo – era meu maior sonho. Essa conquista só foi possível graças ao apoio incondicional dos meus pais, a quem dedico imensa gratidão por todo o suporte e esforço dedicados à minha formação. A conquista desse diploma simbolizou uma vitória pessoal que encheu meu coração de orgulho e realização.

Em 1999, minha mãe me inscreveu em um concurso público na cidade de Itabirito, Minas Gerais, para o cargo de Professor I. Fui aprovada e contratada pela Prefeitura Municipal de Itabirito, dando início à minha jornada como professora no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Vovó Ana. Em 2002, fui convocada para tomar posse no cargo efetivo de Professora I, continuando minha trajetória no CMEI Angelina Moreira Balduino. Durante esse período, dediquei-me às turmas do Maternal 3 e do 1º período, trabalhando com crianças de 3 a 4 anos.

Foi ao ingressar na Educação Infantil que confirmei que havia encontrado meu caminho. Amar o que faço e exercer minha profissão com dedicação são os pilares que orientam minha jornada como educadora.

Cada curso e certificado conquistado reforçava meu compromisso com a docência e aprimorava minha prática pedagógica. Ao longo dos anos, busquei oportunidades de formação que enriqueceram minha bagagem profissional. Entre os cursos que realizei, destaco alguns de grande importância para minha trajetória, como "Recreação Escolar: Não é Brincadeira", "Brinquedista", "Instrumentos da Alfabetização", "A Construção de Valores em Sala de Aula", "Contar Histórias: Uma Arte Mágica", "Letramento e Alfabetização" e "Oficina Literária para Educadores Ligados ao

Ensino Infantil e Fundamental". Esses cursos foram essenciais para ampliar meu repertório de práticas e metodologias pedagógicas, além de aprofundar meu entendimento sobre o processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil. A partir dessas experiências, meu desejo de buscar mais conhecimento e aprimorar ainda mais minhas habilidades só cresceu.

Em agosto de 2010, concluí o curso superior em Pedagogia na Faculdade do Noroeste de Minas – FINOM. Essa conquista não representou apenas o alcance de um objetivo pessoal, mas marcou uma etapa importante na minha trajetória profissional. O curso trouxe exemplos e propostas inspiradoras que enriqueceram minha prática pedagógica, incentivando-me a buscar sempre mais e a aprender com as crianças, aprimorando continuamente minha prática educativa.

Minha primeira experiência com uma criança com deficiência foi com a aluna Larissa (nome fictício), de 4 anos, diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista nível 3. Enfrentei diversos desafios, pois não me sentia totalmente preparada para aplicar os recursos necessários para atendê-la da melhor forma. Essa experiência evidenciou a importância de buscar apoio e orientação especializada. Tive o privilégio de contar com o suporte da equipe do Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado (CMAEE), que promoveu reuniões e alinhamentos para melhorar a qualidade do ensino e o bem-estar escolar da aluna Larissa (nome fictício).

Ao longo da minha trajetória como professora na Educação Infantil, convivi com diversos alunos com deficiência, o que intensificou minha busca por conhecimento e preparo para acolher tanto as crianças quanto suas famílias. Naquela época, enfrentávamos a escassez de recursos e unidades de apoio para auxiliar no tratamento dos alunos, seja em aspectos educacionais, psicológicos ou físicos.

Em 2020, a pandemia da COVID-19 representou um marco significativo não apenas na área da saúde, mas também em todas as esferas da sociedade, incluindo a educação. Durante esse período desafiador, enfrentei inúmeros obstáculos. Dediquei-me intensamente para garantir que todos tivessem acesso a uma educação online de qualidade, desenvolvendo vídeos, histórias, brincadeiras e atividades de forma diversificada e inclusiva. A adaptação para o ensino remoto exigiu criatividade, flexibilidade e muito esforço para manter o engajamento e o desenvolvimento dos alunos mesmo à distância. Trabalhei incansavelmente para superar as barreiras impostas pela pandemia e assegurar que meus alunos continuassem aprendendo e se desenvolvendo da melhor maneira possível. Apesar dos desafios, essa experiência também trouxe aprendizados valiosos e oportunidades de crescimento, tanto pessoal quanto profissional, fortalecendo ainda mais a parceria entre escola e família.

Nesse período, tive um aluno com Epidermólise Bolhosa, uma condição genética rara que causa a formação de bolhas na pele, o que demandava cuidados específicos. Adaptei meu método

de ensino, modificando a forma de realizar atividades de artes com tinta, brincadeiras, músicas e outras atividades, sempre considerando suas preferências e a necessidade de proteção. Esse aluno despertou em mim um interesse ainda maior em me aprimorar no âmbito da Educação Inclusiva. Durante a pandemia, busquei realizar diversos cursos de aprimoramento oferecidos pelo Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado, entre os quais destaco "Público da Educação Especial", "Adaptação Curricular" e "Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)".

Meu objetivo sempre foi proporcionar um ambiente inclusivo e acolhedor para o aluno, oferecendo-lhe não apenas ensino, mas também afeto, amor e diversão. Ele reconhecia meu esforço, respondendo de forma positiva e se desenvolvendo de maneira significativa. Infelizmente, em dezembro de 2021, Pedro (nome fictício) nos deixou, e sua partida foi uma perda dolorosa para todos nós. No entanto, sua presença deixou um impacto profundo em mim e na minha abordagem da Educação Inclusiva, reforçando minha determinação em ser uma educadora cada vez mais capacitada, sensível e comprometida com o bem-estar e o desenvolvimento de todos os meus alunos, especialmente daqueles com deficiência.

Em junho de 2021, alcancei mais uma conquista importante em minha trajetória profissional ao concluir minha primeira pós-graduação em Educação Infantil pela Universidade Cruzeiro do Sul. Essa experiência marcou um ponto significativo no meu desenvolvimento, oferecendo uma base sólida de conhecimentos teóricos e práticos para aprimorar minha atuação na área. A pós-graduação foi uma oportunidade enriquecedora para me atualizar sobre as tendências e desafios contemporâneos da Educação Infantil e fortalecer meu compromisso com a excelência educacional.

Além da minha paixão pela Educação Infantil, minha jornada ganhou uma dimensão ainda mais profunda ao me tornar mãe de uma criança com deficiência, diagnosticada com Paralisia Cerebral Diplopáica Espástica (CID 10.G80.1) e Transtorno do Espectro Autista (CID 10.F84.0). Essa experiência pessoal foi um ponto de virada na minha vida, intensificando meu interesse por pesquisa, estudo e o compartilhamento de experiências na área da inclusão escolar. Para mim, a inclusão deixou de ser apenas um conceito teórico e passou a ter um significado ainda mais especial, tanto como educadora quanto como mãe.

Minha trajetória marcada pela paixão pela Educação Infantil e pelo compromisso com a inclusão tem sido repleta de desafios, aprendizados e conquistas. Cada experiência vivida, desde as adaptações necessárias para atender alunos com condições específicas até a transformação pessoal proporcionada pela maternidade, moldou minha forma de ensinar e de compreender o papel da família na educação. Essas vivências me impulsionaram a buscar o aprimoramento tanto no âmbito profissional quanto pessoal, reforçando a convicção de que a união entre escola e família é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças.

Ao olhar para trás, sinto-me motivada a continuar contribuindo para uma educação mais acolhedora, inclusiva e transformadora que valorize a singularidade de cada aluno e fortaleça os laços que promovem o bem-estar de toda a comunidade escolar.

Atuando como professora em Itabirito, Minas Gerais, no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dona Baratinha, tive a oportunidade de trabalhar com diversos alunos com necessidades especiais¹, uma experiência que ampliou significativamente minha compreensão sobre a diversidade de perfis e demandas que esses alunos apresentam. Durante o ano de 2023, acompanhei de perto o desenvolvimento de um aluno específico, para quem, inicialmente, não foi reportada nenhuma necessidade especial ou solicitação de atendimento diferenciado. No entanto, logo nos primeiros meses de convivência em sala de aula, comecei a perceber comportamentos que indicavam possíveis dificuldades no processo de aprendizagem e na interação social. Essas observações, somadas às discussões com outros profissionais da escola, despertaram nossa preocupação e nos levaram a considerar a hipótese de que esse aluno poderia ter alguma necessidade especial de que não havia sido previamente identificada.

Diante dessas suspeitas, tomamos a decisão de realizar uma reunião com a mãe do aluno, com o objetivo de compartilhar nossas observações e sugerir a busca por um diagnóstico mais preciso que pudesse esclarecer as necessidades específicas da criança. Durante o encontro, explicamos detalhadamente os comportamentos que havíamos notado e como eles se manifestavam no ambiente escolar, destacando a importância de um acompanhamento especializado para garantir que o aluno recebesse o suporte adequado. No entanto, a mãe demonstrou hesitação em aceitar essa possibilidade, afirmando que, em casa, ele não apresentava os comportamentos típicos de uma criança autista nem as dificuldades que observávamos na escola. Seu receio em relação ao diagnóstico e às possíveis implicações para o futuro do filho era compreensível, uma vez que receber tal informação pode ser um momento de grande impacto emocional para qualquer família.

Ao longo do processo de diálogo com a família, observamos que a mãe sempre comparecia sozinha às reuniões escolares, o que nos levou a refletir sobre sua possível sobrecarga. Essa constatação nos fez questionar quais eram as condições e dinâmicas familiares que influenciavam sua percepção sobre o diagnóstico e o acompanhamento do filho. Muitas vezes, a responsabilidade pelo cuidado e pela mediação entre escola e serviços especializados recai exclusivamente sobre um

¹ Alunos com necessidades especiais se referem a crianças que, por apresentarem condições como Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDH), Epidermólise Bolhosa, deficiências físicas, cognitivas ou sensoriais, necessitam de adaptações no ambiente escolar e apoio especializado para seu desenvolvimento acadêmico e social. O termo “alunos com necessidades especiais” não está sendo empregado como sinônimo de estudantes pertencentes ao público alvo da Educação Especial, mas sim de forma mais ampla, abrangendo diferentes condições que demandam suporte educacional específico.

único responsável, o que pode gerar um acúmulo de funções e desafios emocionais significativos. Assim, sua hesitação inicial não deve ser vista como resistência pura e simples, mas como um reflexo de um contexto mais amplo, onde fatores sociais, emocionais e até econômicos podem influenciar a forma como as famílias lidam com a identificação de necessidades educacionais específicas. Reconhecer essa realidade nos permitiu abordar a situação com mais empatia e buscar estratégias que pudessem oferecer suporte não apenas à criança, mas também à mãe, garantindo que ela se sentisse compreendida e apoiada nesse processo.

Após várias conversas, a mãe compartilhou conosco que seu filho havia sido diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA), embora ainda demonstrasse dúvidas quanto à precisão do diagnóstico, afirmando: “estão dizendo, mas ele não é.” Superamos muitas barreiras até que essa mãe entregasse o laudo médico à escola, permitindo que finalmente pudessemos planejar e implementar intervenções pedagógicas mais direcionadas e adequadas às necessidades do aluno.

Para garantir que a mãe e a família se sentissem seguras e confiantes em relação ao tratamento especializado oferecido pelo Município, implementamos uma série de estratégias destinadas a fortalecer essa parceria. Organizamos encontros regulares com a equipe multidisciplinar, incluindo terapeutas, psicólogos e outros profissionais especializados, para que a família pudesse conhecer e se familiarizar com os serviços disponíveis. Além disso, promovemos reuniões conjuntas entre os profissionais de saúde e a equipe escolar, criando um espaço de diálogo transparente onde a mãe pudesse expressar suas preocupações e obter respostas esclarecedoras. Essas ações visaram não apenas proporcionar suporte ao aluno, mas também construir uma relação de confiança e colaboração com a família, assegurando-lhes que o ambiente escolar e os serviços oferecidos pelo Município estavam preparados para atender às necessidades do seu filho de forma eficaz e cuidadosa.

A experiência vivida evidenciou como a hesitação inicial da mãe em aceitar o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) de seu filho impactou seu desenvolvimento escolar, mas é importante refletir sobre os fatores que influenciaram essa postura. Conforme discutido por Chimamanda Ngozi Adichie em *O Perigo de uma História Única*, reduzir essa situação a uma narrativa única seria simplificar uma realidade complexa. O processo de aceitação pode estar enraizado em sentimentos intensos de medo, negação e a dificuldade de processar um diagnóstico tão significativo, algo que varia de família para família.

Essa incerteza inicial dificultou a implementação de estratégias pedagógicas mais personalizadas, que poderiam ter proporcionado um ambiente de aprendizado mais adequado às necessidades específicas do aluno. No entanto, mesmo antes da confirmação do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), já havíamos identificado algumas características que

indicavam a necessidade de adaptações pedagógicas. Diante dessas observações, foram implementadas intervenções iniciais, como ajustes no ritmo das atividades, uso de recursos visuais para facilitar a comunicação e reforço da rotina diária em sala de aula, a fim de proporcionar maior segurança ao aluno. Essas intervenções eram baseadas em práticas inclusivas gerais, que se mostraram eficazes em diversos contextos, independentemente de diagnóstico médico.

No entanto, algumas estratégias mais direcionadas, como a presença de um profissional de apoio especializado, a implementação de um plano educacional individualizado (PEI) e a coordenação com outros profissionais de saúde, como terapeutas ocupacionais e psicólogos, dependiam da entrega do laudo para serem formalmente requisitadas. A ausência do diagnóstico oficial dificultava o acesso a recursos e suportes específicos que poderiam ter acelerado o progresso acadêmico e social do aluno. Assim, o processo foi limitado até que o laudo fosse finalmente entregue, possibilitando uma intervenção mais completa e assertiva.

Além disso, a dificuldade inicial da mãe em aceitar o diagnóstico não apenas limitou as possibilidades de intervenção escolar, mas também impediu uma comunicação mais aberta e colaborativa entre a família e a escola. A falta de um entendimento compartilhado sobre as necessidades do aluno criou um ambiente de tensão e incerteza, onde as tentativas de adaptação pedagógica enfrentavam constantes obstáculos. Esse cenário reflete a importância crucial do reconhecimento e da aceitação do diagnóstico por parte da família para que se estabeleça uma parceria efetiva entre pais e educadores, essencial para promover o pleno desenvolvimento e a inclusão das crianças com TEA no contexto escolar.

Durante nossas reuniões e encontros com a mãe, enfatizamos que a participação ativa da família no processo educacional do aluno seria de extrema importância para o seu desenvolvimento acadêmico e social. Reconhecendo que nem sempre as famílias sabem como participar de forma eficaz, oferecemos orientações claras sobre ações práticas que poderiam ser implementadas no dia a dia. Sugerimos, por exemplo, que a mãe mantivesse um acompanhamento próximo das atividades escolares, ajudando o aluno a organizar sua rotina de estudos em casa e reforçando o que foi trabalhado na escola. Além disso, orientamos sobre a importância de participar ativamente das reuniões com a equipe pedagógica, para alinhar expectativas e compartilhar informações sobre o progresso e as dificuldades observadas tanto em casa quanto na escola. Também sugerimos que a mãe incentivasse o uso de materiais visuais e jogos educativos em casa, reforçando as habilidades que estavam sendo desenvolvidas em sala de aula.

Explicamos que o envolvimento da família, especialmente em situações que requerem atenção especializada, como no caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista, é fundamental para garantir que as intervenções pedagógicas e terapêuticas sejam eficazes. Destacamos que o apoio

contínuo e a colaboração entre a família e a escola criariam uma rede de suporte mais sólida para o aluno, facilitando a adaptação às estratégias educacionais propostas e promovendo um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e responsivo às suas necessidades específicas.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é entender de que maneira o suporte familiar influencia a adaptação, a aprendizagem e a inclusão das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. Ao investigar o papel da família nesse processo, este estudo busca compreender como o envolvimento familiar impacta diretamente o desenvolvimento acadêmico e social dessas crianças, promovendo uma inclusão educacional mais eficaz. Considerando a complexidade dos desafios enfrentados por alunos com TEA, a participação ativa da família se mostra fundamental para promover um ambiente educacional mais acolhedor e efetivo.

Para alcançar o objetivo geral desta pesquisa, que é analisar o papel da família no processo de escolarização das crianças com Transtorno do Espectro Autista, foram definidos quatro objetivos específicos que direcionam a investigação. Um dos objetivos é analisar as estratégias de apoio utilizadas pelas famílias para facilitar a escolarização das crianças com TEA. Esse objetivo busca identificar e detalhar as práticas e abordagens implementadas pelos pais e responsáveis, com o intuito de promover um ambiente educacional que favoreça o aprendizado e o desenvolvimento integral dos alunos com TEA. A análise dessas estratégias permitirá compreender como as famílias contribuem para a adaptação das crianças ao contexto escolar, bem como identificar boas práticas que possam ser replicadas.

Outro objetivo fundamental é identificar os desafios enfrentados pelas famílias no processo de escolarização das crianças com TEA, mapeando os obstáculos sociais, emocionais e estruturais, além das dificuldades de comunicação com a escola, que muitas vezes resultam na falta de participação ativa na vida escolar da criança. Compreender esses desafios é crucial para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e direcionadas, que possam minimizar os obstáculos enfrentados e proporcionar um suporte mais adequado tanto para as famílias quanto para os alunos.

Além disso, há a necessidade de avaliar o efeito do envolvimento familiar no desempenho escolar das crianças com TEA. Este objetivo tem como foco investigar como a participação ativa dos pais e responsáveis influencia os resultados acadêmicos e o desenvolvimento socioemocional das crianças. A pesquisa buscará evidenciar a importância do apoio familiar contínuo e engajado na trajetória escolar dos alunos com TEA, considerando que estudos têm demonstrado que a colaboração entre escola e família pode levar a melhorias significativas no desempenho escolar e no bem-estar das crianças. A análise permitirá identificar as melhores práticas de envolvimento familiar que podem ser incentivadas pelas escolas.

Por fim, explorar as expectativas e percepções das famílias em relação ao processo de escolarização das crianças com TEA é outro objetivo essencial. Esse objetivo pretende compreender as esperanças, preocupações e visões das famílias sobre a educação de seus filhos, oferecendo uma perspectiva mais humana e subjetiva do impacto da escolarização no contexto familiar. Ao explorar essas expectativas, a pesquisa poderá identificar áreas de divergência e convergência entre pais e educadores, promovendo um entendimento mais profundo das necessidades das famílias.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram aplicados dois questionários com o objetivo de compreender o envolvimento das famílias no processo educativo das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O primeiro questionário, intitulado "Questionário para análise do Envolvimento Familiar na Educação de Crianças com TEA: Perspectiva dos Professores", buscou avaliar a percepção dos educadores sobre a participação dos familiares e as implicações dessa participação no ambiente escolar. Esse questionário foi enviado a 22 (vinte e dois) professores da Rede Municipal de Ensino, obtendo um retorno total de 12 (doze) respostas. O segundo questionário, denominado "Questionário para análise do Envolvimento Familiar na Educação de Crianças com TEA: Perspectiva dos Pais ou Responsáveis", teve como objetivo identificar as dificuldades, percepções e expectativas das famílias quanto ao seu próprio envolvimento nas atividades escolares das crianças com TEA. Esse segundo instrumento foi encaminhado também a 22 (vinte e dois) responsáveis e recebeu 08 (oito) respostas.

A partir da análise cuidadosa das respostas obtidas em ambos os questionários, foi possível verificar que tanto os professores quanto os familiares reconhecem a importância da participação ativa da família para o desenvolvimento acadêmico, emocional e social das crianças com TEA. Contudo, os resultados também apontaram desafios importantes, como problemas na comunicação entre escola e família, falta de tempo dos responsáveis devido à sobrecarga de atividades diárias e ausência de uma rede adequada de apoio emocional e prático para esses familiares.

Com base nos resultados obtidos, destaca-se a importância de promover ações que favoreçam a colaboração entre escola e família. As respostas dos participantes indicam possibilidades como o fortalecimento dos canais de comunicação, a promoção de formações específicas para professores e o oferecimento de suporte e orientações aos familiares. Essas iniciativas podem contribuir para a construção de um ambiente educacional mais empático e adaptado às necessidades das crianças com TEA, além de favorecer uma participação mais efetiva e positiva das famílias na vida escolar dos filhos.

1.1. PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA

No livro "O Perigo de uma História Única", a autora Chimamanda Ngozi Adichie explora as consequências de reduzir indivíduos e culturas a narrativas simplificadas e unidimensionais. Adichie argumenta que, quando uma única história sobre um determinado grupo de pessoas é repetidamente contada, ela não só limita nossa compreensão acerca dessas pessoas, mas também perpetua estereótipos e desigualdades. Esse conceito é particularmente relevante ao considerar a escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA, uma vez que essas crianças muitas vezes são vistas através de uma lente limitada que não leva em conta a diversidade de suas experiências e capacidades.

Ao analisar o papel da família no processo de escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é crucial reconhecer e valorizar as múltiplas *histórias e perspectivas* que compõem suas vidas, evitando a armadilha de uma narrativa única que pode obscurecer suas complexidades e necessidades individuais. Os desafios em aceitar o diagnóstico de TEA, a dificuldade de enfrentar uma escola para discutir o que muitas vezes não se deseja ouvir, e o impacto emocional de não ver o filho se desenvolver conforme as expectativas são fatores que tornam cada história única. Essas experiências estão profundamente entrelaçadas com os sentimentos de incerteza e vulnerabilidade que muitas famílias enfrentam. Ao abordar essas diferentes realidades, é possível construir uma abordagem educacional que leve em consideração essas múltiplas perspectivas.

Adichie enfatiza que a narrativa única cria um desequilíbrio de poder, onde a história dominante prevalece e suprime outras vozes. Esse entendimento pode ser aplicado à dinâmica entre a escola, a família e as crianças com TEA, onde muitas vezes as políticas educacionais e as práticas pedagógicas são desenvolvidas com base em uma visão simplificada do autismo. Reconhecer o perigo de uma história única nos desafia a considerar uma abordagem mais inclusiva e holística na educação, que incorpora as variadas experiências das famílias e das crianças com TEA. Ao valorizar as múltiplas histórias e criar espaços para que essas vozes sejam ouvidas, podemos promover uma educação mais equitativa e sensível às necessidades individuais, contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças com autismo.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, com abordagem exploratória e descritiva. A escolha por essa abordagem se justifica pela natureza do problema investigado, que envolve a compreensão das percepções, experiências e expectativas de professores e familiares no processo de escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa qualitativa possibilita a aproximação com a realidade dos sujeitos envolvidos, permitindo uma análise mais sensível e contextualizada do fenômeno estudado.

Participaram do estudo dois grupos distintos: professores da Rede Municipal de Ensino de Itabirito, Minas Gerais, e pais ou responsáveis por crianças com TEA matriculadas em instituições públicas do mesmo município. Foram convidados 22 (vinte e dois) professores, dos quais 12 (doze) responderam ao questionário. Da mesma forma, foram encaminhados 22 (vinte e dois) formulários aos responsáveis, e 08 (oito) deles foram devidamente respondidos. A escolha dos participantes deu-se por conveniência, considerando a relação direta com o público-alvo da pesquisa e a disponibilidade para participação voluntária.

A coleta de dados foi realizada por meio de dois formulários online, elaborados pela própria autora da pesquisa com base em estudos, artigos científicos e na revisão da literatura. Ambos os questionários foram compostos por perguntas objetivas e discursivas, com o intuito de reunir informações tanto quantitativas quanto qualitativas sobre a temática investigada.

O primeiro questionário, direcionado aos professores, teve como foco compreender a percepção dos educadores sobre o envolvimento das famílias no processo de escolarização de crianças com TEA. Entre os aspectos abordados, estavam: a frequência e as circunstâncias em que os responsáveis são chamados à escola; a participação das famílias em reuniões e atividades escolares; a regularidade do retorno recebido pelos professores em relação ao plano educacional dos alunos; a opinião dos docentes sobre o suporte familiar disponível; e o impacto percebido da participação da família no desenvolvimento acadêmico das crianças. Além disso, os professores foram convidados a relatar exemplos específicos de situações em que a presença ou ausência da família interferiu significativamente na aprendizagem do aluno, bem como sugerir estratégias que consideram eficazes para incentivar a participação dos pais.

O segundo questionário foi destinado aos pais ou responsáveis por crianças com TEA. Seu objetivo foi identificar o nível de envolvimento familiar na vida escolar dos filhos, bem como os principais desafios enfrentados pelas famílias nesse processo. Entre os temas abordados, destacam-se: a percepção sobre o suporte disponível para lidar com as demandas diárias relacionadas ao TEA;

o grau de envolvimento na vida escolar da criança; as barreiras enfrentadas para um envolvimento mais ativo; a sobrecarga sentida pelos cuidadores; o acesso a redes de apoio; a frequência de participação em reuniões escolares; a qualidade da comunicação com os professores; os tipos de apoio desejados por parte da escola; e sugestões para promover uma maior aproximação entre escola e família.

Os questionários permaneceram disponíveis entre os dias 10 de janeiro e 10 de fevereiro de 2025, sendo compartilhados diretamente com os participantes. O período de coleta foi definido considerando o início do ano letivo e a disponibilidade dos profissionais da educação e das famílias envolvidas. A aplicação online visou oferecer praticidade, comodidade e alcance aos participantes, respeitando o tempo e o contexto de cada um.

A análise dos dados foi realizada por meio de interpretação descritiva, sem o uso de softwares ou técnicas formais de categorização. As respostas foram organizadas em gráficos, quadros e trechos textuais, possibilitando a visualização clara dos dados obtidos. A interpretação dos resultados levou em consideração os objetivos da pesquisa e os referenciais teóricos abordados ao longo do trabalho, permitindo compreender os principais desafios e potencialidades envolvidos na relação entre família e escola no contexto da inclusão de crianças com TEA.

Em relação aos aspectos éticos, a pesquisa respeitou os princípios de voluntariedade, anonimato e sigilo das informações. Os participantes não foram identificados em nenhum momento, e a coleta de dados não envolveu informações sensíveis. Por não apresentar risco aos envolvidos e não se tratar de pesquisa clínica ou experimental, não foi necessário o encaminhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa. Todos os participantes foram informados previamente sobre o objetivo do estudo e concordaram espontaneamente em participar.

3. JUSTIFICATIVA DE PESQUISA

Em Itabirito, Minas Gerais, o aumento expressivo das matrículas de estudantes da Educação Especial reflete a evolução das políticas públicas voltadas à inclusão. Ao mesmo tempo, esse aumento expressivo vem acompanhado de desafios persistentes para a consolidação de uma educação verdadeiramente inclusiva. Essa realidade demanda não apenas a ampliação do acesso, mas também a implementação de práticas pedagógicas eficazes e personalizadas, capazes de atender às necessidades específicas de cada estudante. Além disso, destaca-se a importância de uma atuação mais integrada entre escolas, famílias e outros agentes da rede de apoio. Essa colaboração é essencial para garantir que os direitos desses alunos sejam respeitados, e que o ambiente escolar seja acolhedor, acessível e promova o pleno desenvolvimento acadêmico, social e emocional de cada criança. O aumento das matrículas, embora positivo, impõe a necessidade de investimentos contínuos em formação docente, recursos pedagógicos e estratégias que fortaleçam o vínculo entre a escola e a família, garantindo que as barreiras estruturais e culturais à inclusão sejam progressivamente superadas.

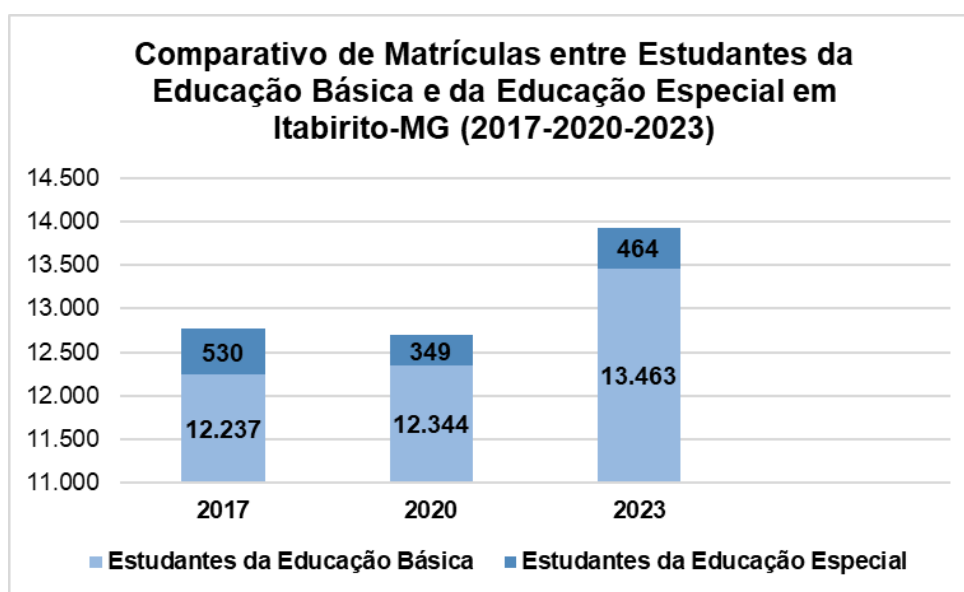


Gráfico 1 – Fonte: <https://diversa.org.br/indicadores/>

O Gráfico 1 apresenta um comparativo das matrículas entre a Educação Básica e a Educação Especial em Itabirito, no período de 2017 a 2023, evidenciando um cenário de evolução significativa na inclusão de estudantes da Educação Especial. Em 2017, registraram-se 530 matrículas na Educação Especial, correspondendo a 4,3% do total de matrículas da Educação Básica. Contudo, em 2020, houve uma redução para 349 matrículas, representando 2,8% do total, possivelmente reflexo das dificuldades impostas pela pandemia de COVID-19. Já em 2023, observou-se um

aumento para 464 matrículas, equivalente a 3,4% do total, indicando um movimento de retomada e ampliação do acesso à Educação Especial nos anos subsequentes à pandemia.

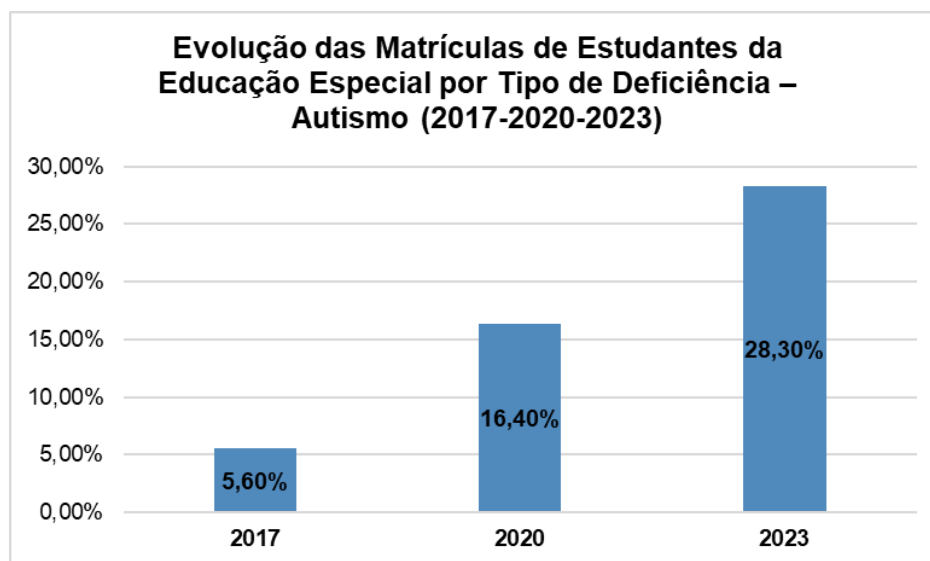


Gráfico 2 – Fonte: <https://diversa.org.br/indicadores/>

Além disso, o Gráfico 2 destaca a evolução das matrículas de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) dentro da Educação Especial no mesmo período. O aumento proporcional é notável: em 2017, os estudantes com TEA representavam 5,6% das matrículas na Educação Especial, número que subiu para 16,4% em 2020 e chegou a 28,3% em 2023. Esse crescimento acentuado reflete tanto a maior identificação de estudantes com TEA quanto a ampliação das iniciativas de inclusão no sistema educacional.

A participação ativa dos familiares é essencial para a adaptação e o desenvolvimento das crianças, pois a escolarização não se restringe apenas ao espaço escolar, mas também se estende ao ambiente familiar. No entanto, o impacto do diagnóstico do TEA pode desencadear sentimentos de incerteza e insegurança, o que pode influenciar diretamente a forma como a família se envolve no processo educativo.

Machado e Cá (2021) ressaltam que a descoberta do diagnóstico pode ser um momento de grande impacto para as famílias, pois altera a dinâmica familiar e exige a construção de novas estratégias para lidar com os desafios diários. Além disso, o apoio da escola nesse processo de adaptação é fundamental, garantindo que a família se sinta acolhida e compreendida dentro do ambiente escolar. Assim, o presente estudo busca compreender como o envolvimento da família influencia a escolarização da criança com TEA e quais estratégias podem fortalecer essa parceria entre família e escola.

4. REVISÃO DE LITERATURA

O diagnóstico de TEA pode gerar diferentes reações nas famílias, variando entre alívio por finalmente encontrar uma explicação para os comportamentos da criança e medo diante das incertezas sobre seu desenvolvimento e futuro. Segundo Machado e Cá (2021), muitas famílias já possuem suspeitas antes da confirmação do diagnóstico, mas ao recebê-lo, enfrentam sentimentos de confusão, insegurança e, em alguns casos, angústia. Esse impacto inicial pode ser intensificado pela falta de informações acessíveis sobre o TEA e pelo desconhecimento de quais estratégias podem ser adotadas para apoiar o desenvolvimento da criança.

Dantas et al. (2010 apud Costa, 2012) ressaltam que o nascimento de uma criança costuma ser um momento de felicidade para a família. No entanto, quando o diagnóstico de TEA é confirmado, sentimentos de medo, frustração e preocupação podem surgir, exigindo tempo para adaptação. A maneira como a família recebe essa notícia influencia diretamente a forma como irá apoiar a criança em sua trajetória escolar e social.

Além dos desafios emocionais, o impacto do diagnóstico também reflete na rotina da família. A necessidade de reorganizar papéis e buscar acompanhamento especializado pode sobrecarregar os responsáveis, especialmente as mães, que frequentemente assumem o papel principal nos cuidados da criança (PINTO et al., 2016). Esse acúmulo de responsabilidades pode afetar o bem-estar da família e interferir no envolvimento com a educação da criança.

O estudo de Glat e Pletsch (2004) destaca que a chegada de uma criança com necessidades especiais exige da família um processo de adaptação. No início, os pais precisam reorganizar suas expectativas e compreender as necessidades específicas do filho. Esse período pode ser acompanhado por dúvidas e preocupações sobre o futuro, principalmente devido aos desafios que a criança pode enfrentar na aprendizagem e socialização.

Glat e Duque (2003, apud Glat & Pletsch, 2004) apontam que muitas famílias, ao receberem o diagnóstico, passam por um período de busca por respostas e alternativas. Algumas tentam diferentes abordagens ou tratamentos sem comprovação científica, na esperança de minimizar as dificuldades da criança. Com o tempo, porém, a família começa a compreender a importância de um acompanhamento adequado e de estratégias que favoreçam a autonomia e a inclusão da criança. Nesse processo, as autoras ressaltam que: "É como se toda a família (imaginária) construída por esses pais desaparecesse, e uma nova família (real) tenha que ser criada" (GLAT; DUQUE, 2003, p. 16).

Esse processo de adaptação não envolve apenas a aceitação emocional, mas também mudanças no cotidiano. A rotina familiar passa a ser ajustada para atender às necessidades da criança, o que pode gerar desafios e, em alguns casos, levar ao isolamento social da família.

Outro ponto abordado por Glat e Pletsch (2004) é o papel dos pais na promoção da independência da criança. Em muitos casos, o desejo de proteção pode levar a uma superproteção, limitando as oportunidades da criança de desenvolver habilidades essenciais para sua autonomia. As autoras explicam que:

O sentimento de 'raiva' em relação às restrições que o filho especial traz para sua família é frequentemente sublimado sob uma atitude de superproteção e cuidado excessivo com esse filho. [...] Quando os pais agem de maneira superprotetora, dificultam a autonomia e a independência que o filho deveria conquistar como condição para o desenvolvimento de suas capacidades. (GLAT; PLETSCHE, 2004, p. 18).

Esse comportamento, muitas vezes, está relacionado ao medo de que a criança enfrente dificuldades ou preconceitos. No entanto, é fundamental que a família encontre um equilíbrio entre proteção e incentivo à autonomia, permitindo que a criança explore seu potencial dentro de suas possibilidades.

Camargo (2004, apud Nogueira et al., 2004) destaca que a maneira como a sociedade percebe a deficiência influencia diretamente a forma como a criança é tratada. O desconhecimento e os estereótipos podem dificultar sua inclusão social e escolar, criando barreiras para seu desenvolvimento. Como afirma o autor:

Nossa sociedade tem restrições em relação ao que é diferente, aquilo a que não está habituada. Portanto, a constituição da pessoa com deficiência pode ser prejudicada pela quebra da expectativa do seu grupo social, pelo estranhamento em relação à inteligência desse indivíduo, pelos preconceitos e estigmas presentes na sociedade frente às diferenças. (CAMARGO, 2004, p. 18).

Diante desses desafios, Glat e Pletsch (2004) defendem a necessidade de programas de orientação familiar que auxiliem os pais desde o momento do diagnóstico. A orientação adequada pode ajudar a família a compreender o TEA, desenvolver estratégias de apoio e promover a inclusão da criança. Além disso, o suporte de profissionais da educação e da saúde é essencial para fornecer informações acessíveis e incentivar o envolvimento da família na vida escolar.

As autoras enfatizam que a participação ativa da família no desenvolvimento da criança com TEA é um fator determinante para sua inclusão e aprendizado. Como afirmam:

Concluimos ratificando que o trabalho multiprofissional com a família e o estímulo ao seu envolvimento ativo desde o momento da constatação do diagnóstico constitui um fator

decisivo no processo de desenvolvimento global da pessoa com deficiência, na construção de sua individualidade, bem como de sua futura inclusão e participação social. (GLAT; PLETSCH, 2004).

5. O ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NA ESCOLARIZAÇÃO

O papel da família na escolarização de crianças com TEA vai além do suporte emocional. A participação ativa nas atividades escolares e o acompanhamento do desenvolvimento da criança são fatores fundamentais para a construção de um ambiente educacional inclusivo. Segundo Machado e Cá (2021), quando as famílias se envolvem na rotina escolar, demonstram interesse pelo aprendizado do filho e estabelecem um vínculo de parceria com os professores, os impactos positivos são perceptíveis no desenvolvimento da criança.

Rodrigues, Fonseca e Silva (2008) ressaltam que o TEA, assim como outras condições crônicas, altera significativamente o cotidiano da família. Por isso, compreender as dificuldades enfrentadas pelos familiares e oferecer apoio são estratégias fundamentais para garantir que a escola se torne um ambiente seguro e acolhedor para a criança.

Entretanto, muitas famílias relatam desafios para se manterem ativamente engajadas no ambiente escolar. A falta de informações, dificuldades de comunicação com os profissionais da educação e a sobrecarga na rotina podem dificultar a participação em reuniões, eventos escolares e atividades pedagógicas.

Os dados coletados em minha pesquisa corroboram com a literatura da área e confirmam as dificuldades enfrentadas pelas famílias de crianças com TEA no que se refere ao suporte e à participação na escolarização dos filhos.

6. RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: RESULTADOS

Com a finalidade de levantar dados acerca da participação da família no processo de escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), foram aplicados dois formulários: um direcionado a professores da Rede Municipal de Ensino de Itabirito/MG e outro voltado aos pais ou responsáveis de crianças com TEA residentes no município. Ambos os instrumentos tiveram como objetivo compreender percepções, dificuldades, expectativas e práticas relacionadas ao envolvimento familiar na trajetória escolar dessas crianças.

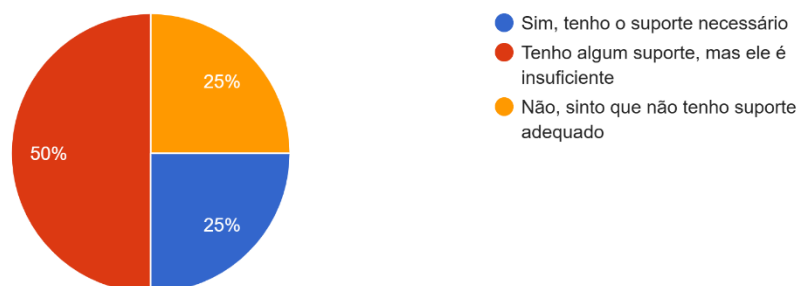
Os formulários permaneceram disponíveis entre os dias 10 de janeiro e 10 de fevereiro de 2025, período em que estiveram abertos para o recebimento de respostas. O questionário voltado aos professores foi enviado para 22 profissionais da rede municipal, dos quais 12 responderam. Já o formulário destinado aos pais ou responsáveis também foi encaminhado a 22 pessoas do município de Itabirito, obtendo 08 respostas.

As informações coletadas foram analisadas à luz das referências teóricas apresentadas nos capítulos anteriores, considerando o contexto educacional do ano letivo de 2024, e buscando refletir sobre as práticas e os desafios da relação entre escola e família no processo de inclusão de crianças com TEA na rede pública municipal.

No questionário destinado aos responsáveis, buscou-se compreender o nível de suporte que as famílias recebem para lidar com as demandas cotidianas relacionadas ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). Quando questionados sobre se sentem que possuem o suporte necessário para lidar com essas demandas, 50% dos responsáveis afirmaram que possuem algum suporte, mas consideram-no insuficiente. Esse dado revela que, embora algumas famílias tenham acesso a algum nível de assistência, ele não supre todas as necessidades do dia a dia, o que pode impactar diretamente sua capacidade de se envolver de maneira mais ativa na rotina escolar da criança.

Você sente que tem o suporte necessário para lidar com as demandas diárias relacionadas ao TEA?

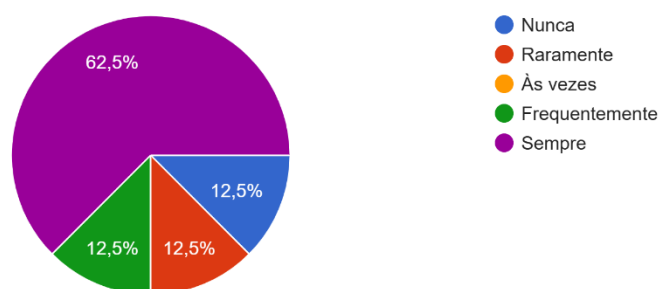
8 respostas



Além disso, a pesquisa revelou que 62,5% dos responsáveis se sentem sempre sobrecarregados com as responsabilidades do cuidado e da educação dos filhos. Essa sobrecarga pode ser atribuída à falta de apoio adequado e à complexidade das demandas diárias exigidas no acompanhamento de uma criança com TEA. O peso emocional e físico dessas responsabilidades pode comprometer a disponibilidade dos pais para participar ativamente da vida escolar do filho, além de impactar seu bem-estar e qualidade de vida.

Com que frequência você se sente sobrecarregado(a) pelas responsabilidades relacionadas ao cuidado e à educação do seu filho(a) com TEA?

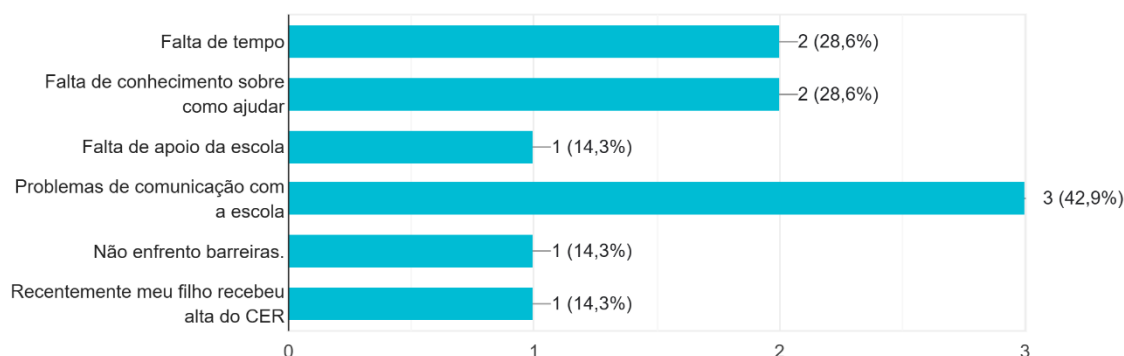
8 respostas



Sobre os principais desafios enfrentados pelas famílias para se envolver mais ativamente na vida escolar do filho com TEA, 42,9% indicaram problemas de comunicação com a escola como uma das principais barreiras. A dificuldade de diálogo entre escola e família pode gerar desentendimentos, falta de alinhamento nas estratégias pedagógicas e um sentimento de distanciamento por parte dos pais. Além disso, 28,6% apontaram a falta de tempo como um obstáculo, o que sugere que muitos responsáveis têm rotinas sobrecarregadas e não conseguem acompanhar as atividades escolares de maneira mais próxima. Outro fator relevante é a falta de conhecimento sobre como ajudar na educação da criança, também apontada por 28,6% dos entrevistados. Esses dados reforçam a importância da criação de espaços de diálogo, orientações e formações voltadas para as famílias, possibilitando que se sintam mais seguras e preparadas para apoiar a aprendizagem e o desenvolvimento da criança.

Quais são as principais barreiras que você enfrenta para se envolver mais na vida escolar do seu filho(a)? (Você pode selecionar mais de uma opção)

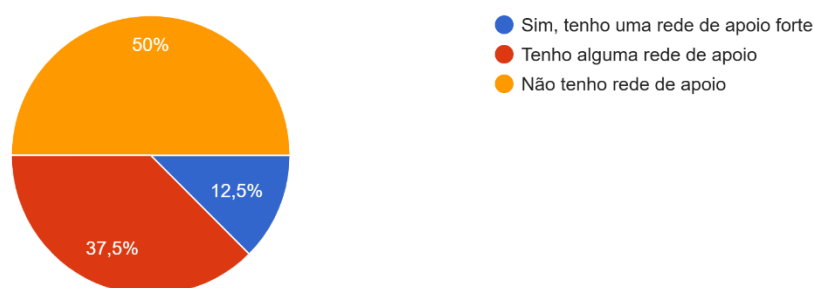
7 respostas



Outro dado preocupante é que 50% dos entrevistados afirmaram não contar com uma rede de apoio, como familiares, amigos ou grupos de suporte que auxiliem no cuidado da criança. A ausência desse suporte pode agravar a sensação de isolamento e sobrecarga, tornando ainda mais desafiador o processo de escolarização e adaptação da criança.

Você tem acesso a redes de apoio (como familiares, amigos, ou grupos de apoio) que ajudam no cuidado do seu filho(a) com TEA?

8 respostas



A partir da revisão da literatura e dos dados coletados em nossa pesquisa, fica evidente que a escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não se limita às práticas pedagógicas dentro da escola, mas está diretamente relacionada ao envolvimento da família e ao suporte que ela recebe. Estudos como os de Glat e Pletsch (2004) e Machado e Cá (2021) demonstram que o impacto do diagnóstico pode desencadear uma série de desafios emocionais e estruturais, exigindo uma adaptação por parte da família, que nem sempre ocorre de forma linear ou imediata. Muitos pais passam por um período de negação, incerteza e sobrecarga, o que pode comprometer sua participação ativa na vida escolar do filho.

Além disso, a comunicação com a escola aparece como um dos principais obstáculos, evidenciado por 42,9% dos participantes que relataram dificuldades nesse aspecto. A falta de tempo e o desconhecimento sobre como ajudar a criança na sua jornada educacional também foram apontados como barreiras, destacando a necessidade de um trabalho mais próximo entre escola e família para oferecer informações acessíveis e apoio contínuo.

A sobrecarga dos responsáveis é outro fator preocupante, com 62,5% dos entrevistados afirmando sentir-se sempre sobrecarregados pelas demandas diárias relacionadas ao cuidado e à educação da criança. Esse dado reforça a importância de políticas e iniciativas que promovam o fortalecimento das famílias, seja por meio de redes de apoio, orientação pedagógica ou acesso a serviços especializados.

Dessa forma, os resultados apontam para a necessidade urgente de estratégias que viabilizem um maior engajamento das famílias na vida escolar dos filhos, reduzindo as barreiras enfrentadas e fortalecendo a parceria entre pais, professores e profissionais da educação. Apenas com essa colaboração efetiva será possível garantir um ambiente verdadeiramente inclusivo, onde a criança com TEA possa desenvolver suas potencialidades com o suporte adequado tanto dentro quanto fora da escola.

6.1. Acolhimento Escolar e Formação de Parcerias

O acolhimento da família na escola é um fator essencial para a adaptação da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ao ambiente escolar. Como apontado por Machado e Cá (2021), muitas famílias chegam às instituições de ensino com receios e dúvidas sobre o suporte que seus filhos irão receber. Esse sentimento de insegurança reforça a necessidade de práticas pedagógicas que incentivem a participação ativa dos pais, criando espaços de diálogo e colaboração entre escola e família.

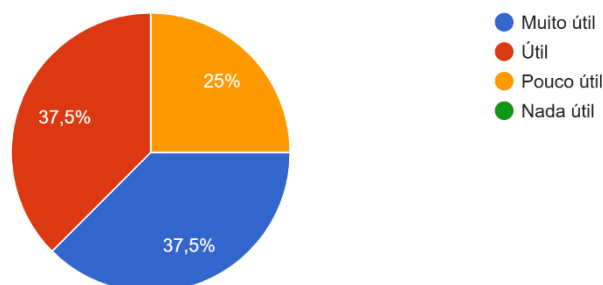
A importância desse acolhimento é destacada no Documento Orientador da Secretaria Municipal de Educação de Novo Hamburgo (2020), que enfatiza a necessidade de um atendimento personalizado às crianças e de um suporte emocional às famílias durante o processo de adaptação. Esse modelo de abordagem fortalece a confiança dos responsáveis na instituição e possibilita a construção de uma relação mais próxima e colaborativa com a equipe pedagógica.

Entretanto, os dados da pesquisa indicam que ainda há desafios na comunicação entre pais e escola. Quando questionados sobre a eficácia do diálogo com os professores, 37,5% dos participantes avaliaram essa comunicação como muito útil, enquanto 25% a consideraram pouco eficaz. Esse dado aponta a necessidade de aprimorar os canais de comunicação, tornando-os mais

acessíveis e frequentes para garantir que as famílias sejam devidamente informadas sobre o desenvolvimento escolar de seus filhos e possam contribuir ativamente nesse processo.

Quão eficaz você considera a comunicação entre você e os professores do seu filho(a)?

8 respostas



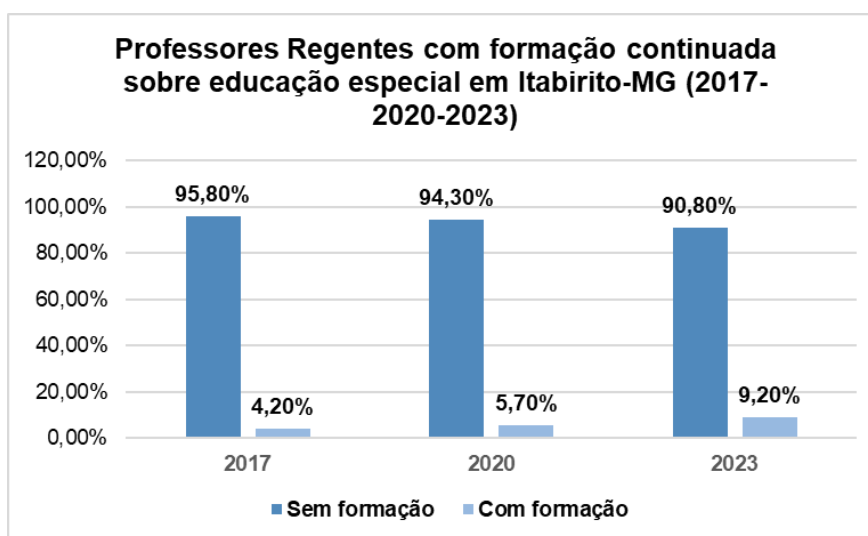
A presença de profissionais multidisciplinares, como psicólogos e terapeutas, pode auxiliar na orientação familiar e na implementação de estratégias pedagógicas eficazes, garantindo que a criança com TEA tenha acesso a um ambiente de aprendizagem adequado às suas necessidades. Para que isso aconteça, é fundamental que as instituições de ensino invistam em capacitações, fortaleçam o acolhimento das famílias e busquem construir uma rede de apoio que favoreça tanto a adaptação da criança quanto a participação ativa dos pais na vida escolar.

6.2. Capacitação de Professores e Profissionais da Educação

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar não depende apenas de adaptações estruturais nas escolas, mas, principalmente, de profissionais capacitados para atender às demandas específicas desses alunos. Essa necessidade foi apontada por um responsável de uma criança com TEA participante da pesquisa, que destacou: "Primeiramente a escola tem que se capacitar para pelo menos entender um pouco do que se trata. Não vejo nem capacitação deles, muito menos interesse. Acredito que por isso excluem a família de todo o processo".

Esse depoimento evidencia como a falta de formação dos professores pode impactar negativamente não apenas a experiência escolar do aluno, mas também a relação da escola com as famílias. Conforme Silva e Antônio (2023), a ausência de preparo específico entre educadores é um dos principais desafios enfrentados no contexto escolar, destacando a necessidade de capacitação regular, acesso a materiais especializados e a criação de espaços de diálogo entre os profissionais e as famílias para garantir um ensino inclusivo e de qualidade.

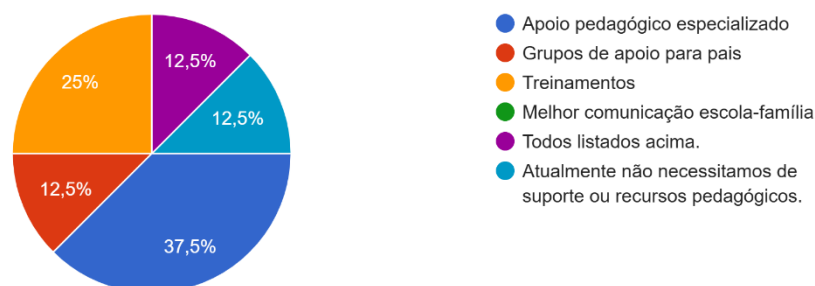
Dados do Painel de Indicadores da Educação Especial, disponibilizados pelo Diversa, reforçam a urgência dessa questão. Em Itabirito-MG, entre 2017 e 2023, houve um aumento no número de professores regentes com formação continuada em educação especial, mas os índices permanecem alarmantes. Em 2017, apenas 4,2% dos professores tinham formação na área, enquanto 95,8% estavam sem qualificação adequada. Em 2023, esses números evoluíram para 9,2% de professores com formação continuada, ainda deixando 90,8% sem preparo específico. Esses dados mostram que, embora os avanços sejam evidentes, o ritmo ainda é insuficiente para atender às demandas crescentes da educação inclusiva.



A formação docente vai além de um simples requisito técnico; é uma ferramenta fundamental para desenvolver estratégias pedagógicas que respeitem as particularidades dos alunos com TEA. Como apontado pelos dados da pesquisa, 37,5% dos pais e responsáveis acreditam que o apoio pedagógico especializado é indispensável para o progresso acadêmico dos alunos, enquanto 25% destacaram a necessidade de treinamentos direcionados aos educadores. Esses resultados evidenciam a necessidade de um esforço conjunto entre governos, instituições de ensino e a sociedade para garantir a implementação de políticas públicas que incentivem a formação continuada de professores.

Que tipo de apoio ou recursos você gostaria que a escola fornecesse para ajudar na educação do seu filho(a)?

8 respostas



Além disso, a legislação brasileira reforça essa necessidade. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) estabelece o dever de assegurar condições de igualdade para o acesso e permanência de alunos com deficiência no ambiente escolar. Essa garantia só pode ser efetivada com a preparação dos profissionais da educação para lidar com as especificidades de cada aluno.

Portanto, a escolarização de crianças com TEA exige um trabalho conjunto entre escola e família. O envolvimento dos familiares no processo educacional é essencial para a adaptação da criança ao ambiente escolar e para o desenvolvimento de suas habilidades acadêmicas e sociais. No entanto, as famílias enfrentam desafios emocionais, financeiros e estruturais que podem dificultar essa participação ativa.

Na prática, é perceptível que a falta de recursos adequados, capacitação profissional e materiais didáticos ainda são grandes obstáculos para que a inclusão escolar seja plenamente eficaz. Dessa forma, é necessário que as escolas adotem estratégias de acolhimento e comunicação eficazes, garantindo que as famílias se sintam parte do processo educacional. Como apontam Machado e Cá (2021), o fortalecimento dessa parceria contribui para a construção de um ambiente mais inclusivo, onde a criança com TEA possa se desenvolver plenamente, respeitando suas necessidades e potencialidades.

A construção de uma educação inclusiva depende não apenas da adaptação curricular, mas também do compromisso de toda a comunidade escolar em compreender e apoiar as famílias nesse percurso. Por isso, promover ações que fortaleçam o vínculo entre escola e família é um passo fundamental para garantir que as crianças com TEA tenham acesso a uma educação de qualidade e oportunidades para seu desenvolvimento integral. Em suma, os dados do estudo destacam a necessidade de uma abordagem mais colaborativa entre família e escola, com maior suporte para professores e maior disponibilidade de recursos para o atendimento adequado às crianças com TEA.

A partir da análise do estudo e dos dados levantados, conclui-se que ambos ressaltam a importância de uma gestão escolar atenta às especificidades do contexto em que a escola está inserida, especialmente em cenários de vulnerabilidade social. Enquanto o primeiro estudo aborda as dinâmicas de relação entre a escola e a família no processo de inclusão, destacando a necessidade de colaboração ativa entre professores, pais e profissionais especializados para o sucesso da educação inclusiva, o segundo estudo explora as estratégias que gestores de escolas em contextos marginalizados utilizam para romper estigmas e criar um ambiente de acolhimento e pertencimento.

Ambos os estudos destacam o papel fundamental da empatia, do acolhimento e da flexibilidade por parte dos gestores e professores. No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), por exemplo, o trabalho colaborativo entre escola e família, quando bem conduzido, tem o potencial de promover o desenvolvimento pleno das crianças, apesar dos desafios apresentados pelo transtorno. Da mesma forma, nas escolas situadas em territórios de maior vulnerabilidade, a gestão escolar eficaz não se limita a reagir às condições adversas, mas busca ativamente construir uma narrativa alternativa à da exclusão, integrando a comunidade no projeto escolar.

Esses estudos, em conjunto, sublinham que a educação inclusiva e a gestão escolar em contextos desafiadores compartilham o mesmo objetivo: criar um ambiente que reconheça e respeite as diferenças, que acolha as famílias e que incentive o desenvolvimento integral dos estudantes. Isso só é possível quando a escola se afasta da visão de uma "história única" de fracasso e marginalização e trabalha para construir um novo significado coletivo, no qual todos os envolvidos se sintam parte do processo de mudança e superação.

6.3. A Perspectiva do Professor sobre a Relação com as Famílias

Os professores desempenham um papel crucial na mediação entre a escola e as famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). No cotidiano escolar, os educadores enfrentam o desafio de equilibrar as demandas pedagógicas com as expectativas das famílias, que frequentemente chegam carregadas de dúvidas e preocupações. Essa dinâmica exige não apenas habilidades técnicas, mas também empatia e capacidade de comunicação. No entanto, a falta de recursos, capacitação específica e tempo para estabelecer um diálogo consistente pode dificultar essa interação. Mesmo diante dessas barreiras, os professores compreendem que a parceria com as famílias é indispensável para criar estratégias que atendam às necessidades da criança e promovam sua inclusão no ambiente escolar. O estudo de Moraes (2014) aponta que o estabelecimento de uma comunicação efetiva entre professores e familiares é outro aspecto essencial no processo de inclusão. Essa interação permite que os professores compreendam o histórico da criança e alinhem

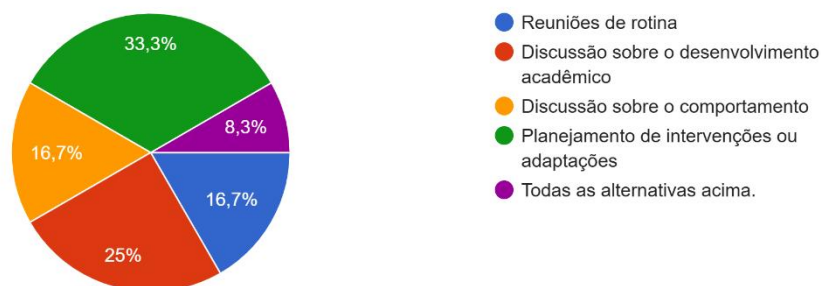
suas práticas pedagógicas às necessidades individuais do aluno. A colaboração entre escola e família fortalece o suporte oferecido à criança com TEA, promovendo um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e eficaz.

A pesquisa realizada com 22 (vinte e dois) professores da Rede Municipal de Itabirito revelou que, apesar do alto nível de escolaridade dos profissionais—91,7% possuindo pós-graduação—há desafios e demandas constantes para tornar essa parceria mais eficaz. O envolvimento dos pais é um fator determinante para o desenvolvimento acadêmico e social dos alunos com TEA, e os dados coletados reforçam a importância desse aspecto.

Os resultados mostram que, em 33,3% dos casos, os responsáveis são chamados à escola para o planejamento de intervenções ou adaptações pedagógicas, enquanto 25% das convocações são para discutir o desenvolvimento acadêmico da criança.

Em quais circunstâncias os responsáveis são chamados à escola?

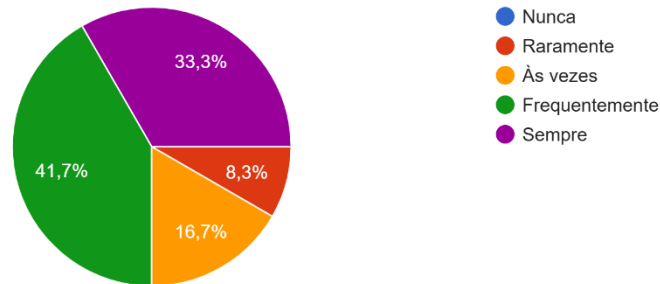
12 respostas



Isso indica que há um esforço contínuo da escola em integrar os pais no processo educacional, garantindo que as estratégias adotadas atendam às necessidades individuais dos alunos. No entanto, a frequência da participação familiar nas reuniões escolares ainda varia. Apenas 33,3% dos professores indicaram que as famílias sempre comparecem, o que demonstra que ainda há espaço para melhorias na comunicação e no engajamento parental.

Com que frequência as famílias de seus alunos com necessidades especiais participam de reuniões escolares?

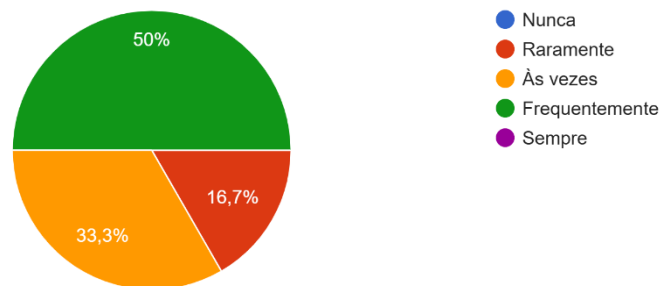
12 respostas



O acompanhamento contínuo dos responsáveis sobre o plano educacional da criança também apresenta variações. Enquanto 50% dos professores afirmam receber retornos frequentes dos pais, 33,3% indicam que isso acontece apenas às vezes, e 16,7% raramente têm feedback das famílias.

Você recebe retornos regulares dos pais sobre o plano educacional de seus alunos?

12 respostas



Essa disparidade pode impactar o acompanhamento do progresso dos alunos, uma vez que a falta de diálogo constante pode dificultar ajustes e intervenções eficazes para atender às necessidades específicas de cada criança.

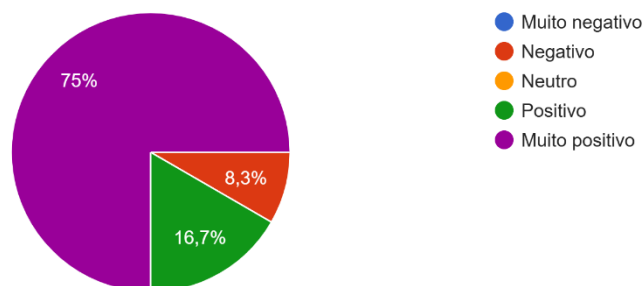
Apesar desses desafios, os dados indicam que há um engajamento considerável das famílias em atividades extracurriculares, com 50% dos professores relatando que os pais participam frequentemente e 33,3% indicando que isso ocorre ocasionalmente. Isso sugere que, embora o envolvimento acadêmico possa ter limitações, muitas famílias demonstram interesse em fazer parte do ambiente escolar de outras formas, o que reforça a necessidade de ampliar as oportunidades de participação parental no cotidiano escolar.

A influência do envolvimento familiar no desempenho acadêmico das crianças com TEA é amplamente reconhecida pelos professores entrevistados. Para 75% deles, esse impacto é muito positivo, e 100% dos participantes afirmaram que há diferenças observáveis no desenvolvimento

acadêmico entre alunos cujas famílias são mais presentes em comparação com aqueles cujos pais participam menos ativamente. Esses dados evidenciam que a presença e o suporte da família podem contribuir significativamente para a autonomia e a evolução do aprendizado dos estudantes.

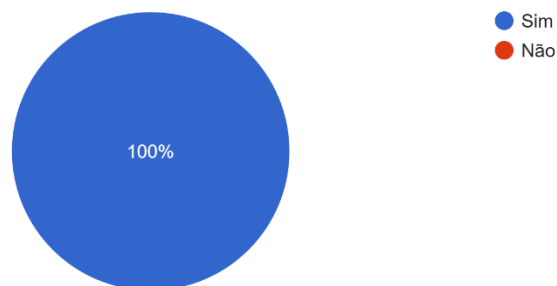
Como você classificaria o impacto do envolvimento familiar no desenvolvimento acadêmico das crianças?

12 respostas



Há diferenças observáveis no desenvolvimento acadêmico entre alunos com envolvimento familiar ativo comparado àqueles cujas famílias são menos envolvidas?

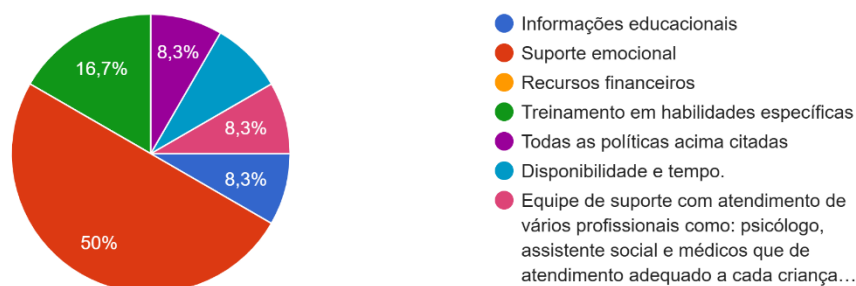
12 respostas



Quando questionados sobre quais recursos as famílias precisam para apoiar seus filhos na escola de maneira satisfatória, 50% dos professores destacaram a necessidade de suporte emocional, enquanto 16,7% apontaram a importância de treinamentos em habilidades específicas.

Que tipo de recursos você acha que as famílias precisam para apoiarem, de maneira satisfatória, seus filhos na escola?

12 respostas



Isso indica que, além de estratégias pedagógicas, as famílias precisam de suporte psicológico e orientações práticas para lidar com os desafios do TEA no contexto escolar e familiar. Como apontam Machado e Cá (2021), a repercussão do diagnóstico pode ser intensa para os responsáveis, gerando sentimento de insegurança, medo e, em alguns casos, desamparo diante das incertezas sobre o futuro da criança. O estudo ressalta que a necessidade de acolhimento não se limita ao momento da confirmação do diagnóstico, mas se estende ao longo de toda a trajetória de desenvolvimento da criança.

Os relatos obtidos nas perguntas abertas da pesquisa reforçam a importância da participação ativa da família no desenvolvimento escolar de crianças com TEA. Os professores destacaram que quando há um envolvimento contínuo dos responsáveis – seja no incentivo à frequência escolar, no acompanhamento das atividades pedagógicas ou na colaboração com os profissionais na construção do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) –, os alunos demonstram avanços significativos, tanto acadêmicos quanto sociais. Um exemplo citado foi o de uma família que utiliza imagens da professora, monitoras e colegas para criar uma rotina visual em casa, auxiliando a criança a se sentir mais segura e familiarizada com o ambiente escolar, o que contribui para sua socialização. Em contrapartida, casos em que os pais não participam ou não conseguem acessar os serviços adequados resultam em dificuldades na adaptação da criança e em um impacto negativo no aprendizado.

Além disso, os relatos sobre a falta de participação da família no processo educativo das crianças com TEA evidenciam o impacto negativo que essa ausência pode causar no desenvolvimento acadêmico, emocional e social dos alunos. Os professores relataram que quando não há envolvimento familiar, as dificuldades da criança se tornam mais evidentes e persistentes, resultando em desafios como desmotivação, dificuldades na aprendizagem e até mesmo problemas comportamentais, como foi o caso de João (nome fictício), um menino de quatro anos cuja falta de estímulo em casa resultou em comportamento agressivo e dificuldades na alfabetização. Outro relato

apontou que a ausência da família no processo de construção do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) comprometeu a elaboração de estratégias pedagógicas adequadas às necessidades do aluno, dificultando seu progresso. Ademais, a falta de incentivo para a realização de atividades escolares e a não participação em eventos e reuniões foram citadas como fatores que prejudicam a adaptação da criança ao ambiente escolar.

Como educadora, percebo diariamente o impacto que a participação familiar tem no desenvolvimento das crianças com TEA. O processo de inclusão não depende apenas da escola ou do professor, mas sim de um esforço conjunto entre todos os envolvidos na vida da criança. Quando a família está presente, acompanha de perto a rotina escolar e colabora com a equipe pedagógica, os avanços são perceptíveis tanto no aprendizado quanto na socialização do aluno. No entanto, a realidade nem sempre corresponde a esse cenário ideal. Muitos pais enfrentam dificuldades para compreender as necessidades específicas de seus filhos ou não encontram apoio suficiente para lidar com os desafios diários. A falta de informação e suporte adequado faz com que algumas famílias se distanciem do processo educativo, o que pode comprometer significativamente o desenvolvimento da criança.

Diante de todo o contexto apresentado, fica evidente que a inclusão de crianças com TEA na escola não pode ser vista apenas como um desafio individual da instituição ou da família, mas como uma responsabilidade compartilhada. A pesquisa mostrou que o envolvimento familiar tem um impacto direto no desenvolvimento acadêmico e emocional dos alunos, enquanto a falta de participação pode agravar dificuldades e comprometer o progresso da criança. Observa-se, no entanto, que muitos pais ainda sentem necessidade de maior orientação sobre como oferecer um suporte mais eficaz à escolarização de seus filhos. Essa percepção aponta para a importância de fortalecer os canais de comunicação entre família e escola, bem como de ampliar os espaços de escuta e apoio às famílias no contexto educacional. Além disso, a capacitação dos professores e a comunicação eficaz entre escola e família são fatores essenciais para que esse processo ocorra de maneira efetiva. Para que a inclusão seja realmente significativa, é fundamental que haja políticas públicas que incentivem a formação continuada dos educadores, a oferta de suporte adequado às famílias e o fortalecimento do vínculo entre todos os agentes envolvidos no processo educacional. Dessa forma, será possível construir um ambiente escolar mais acolhedor, onde cada criança possa desenvolver todo o seu potencial e se sentir verdadeiramente incluída na sociedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de uma educação verdadeiramente inclusiva requer mais do que adaptações pontuais no ambiente escolar: exige um compromisso coletivo entre profissionais da educação, famílias e gestores, alicerçado em diálogo, formação continuada e sensibilidade às singularidades de cada criança. Este trabalho, centrado na parceria entre a escola, os profissionais e a família, evidenciou como essa relação é decisiva para o sucesso da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil, especialmente na rede pública municipal.

A pesquisa revelou que, embora haja avanços importantes no reconhecimento da importância da família no processo educativo, persistem inúmeros desafios que dificultam sua plena participação. Entre eles, destacam-se a sobrecarga emocional e prática dos responsáveis, a ausência de redes de apoio, a comunicação fragilizada com a escola e a escassez de formação adequada tanto para as famílias quanto para os profissionais da educação. Esses fatores tornam evidente que a inclusão não pode ser pensada de forma isolada — nem pela família, nem pela escola —, mas deve ser construída de maneira interdependente e integrada.

Nesse sentido, o papel da gestão escolar é central. Cabe aos gestores criar condições institucionais que favoreçam o acolhimento das famílias, a formação da equipe docente e a articulação com a rede de apoio externa. É também por meio da liderança comprometida que se promovem espaços de escuta ativa, diálogo permanente e corresponsabilidade no processo educacional. A escola que acolhe, escuta e reconhece os saberes da família, fortalece laços e potencializa o desenvolvimento integral da criança com deficiência.

A Lei nº 14.880/2024, marco recente nas políticas públicas de inclusão, reforça a corresponsabilidade dos sistemas de ensino e das instituições escolares na garantia de um ambiente acessível, acolhedor e equitativo. Seu conteúdo aponta para a valorização da escuta das famílias, para a necessidade de formação dos profissionais e para a promoção de estratégias pedagógicas individualizadas — elementos que dialogam diretamente com os achados desta pesquisa. Assim, ao lançar luz sobre as experiências concretas de famílias e educadores, este trabalho contribui para a materialização dos princípios defendidos pela nova legislação.

Além disso, a educação infantil — etapa focal neste estudo — exige ainda mais atenção, por ser um período sensível e estruturante no desenvolvimento da criança. O fortalecimento da parceria com as famílias, nesse contexto, é especialmente decisivo para garantir vínculos afetivos, segurança emocional e continuidade nos processos de aprendizagem.

Conclui-se, portanto, que a efetivação da inclusão depende de uma rede sólida de cooperação entre profissionais, escola e família, sustentada por políticas públicas efetivas, formação continuada e práticas pedagógicas humanizadas. Ao reconhecer a família como protagonista no processo de escolarização da criança com TEA e investir na qualificação dos profissionais, estaremos construindo uma escola mais justa, acolhedora e comprometida com o direito de todos à educação.

8. PROPOSTA DE PLANO DE AÇÃO

O plano de ação executado para esta pesquisa é estruturado em três áreas principais, cada uma focada em aspectos essenciais para fortalecer a colaboração entre escola e família no contexto da escolarização de crianças com Transtorno do Espectro Autista.

A primeira área de enfoque envolve estratégias para melhorar a comunicação entre escola e família, abordando a criação de canais de comunicação diretos, acessíveis e contínuos, como e-mails e reuniões personalizadas, para discutir o progresso e as necessidades específicas de cada criança. O objetivo é garantir uma comunicação aberta e eficaz, promovendo um diálogo constante e construtivo entre pais e educadores. Além disso, esse enfoque incluirá o treinamento de professores e funcionários para que estejam capacitados a se comunicar de forma clara e empática, assegurando que todos os envolvidos estejam preparados para lidar com as particularidades das crianças com TEA de maneira compreensiva e eficiente. Isso inclui sensibilização e formação contínua sobre como abordar temas delicados e como envolver os pais de maneira colaborativa e respeitosa.

Outra área essencial é o incentivo ao envolvimento familiar nas atividades escolares, com foco na organização de eventos e iniciativas que promovam a inclusão e incentivem a participação ativa dos pais no processo educacional de seus filhos. Essa abordagem visa não apenas fortalecer a relação entre a escola e a família, mas também criar um ambiente colaborativo e de apoio mútuo. A iniciativa incluirá a criação de atividades específicas que incentivem o envolvimento direto dos pais, desde a participação em projetos em sala de aula até eventos extracurriculares, destacando a importância do papel ativo dos pais no desenvolvimento educacional e social de seus filhos. A proposta é que a escola se torne um espaço de interação e aprendizado coletivo, onde as famílias se sintam acolhidas e incentivadas a contribuir para a educação dos seus filhos.

Por fim, a área dedicada ao desenvolvimento de recursos de apoio focará na criação de uma cartilha educativa destinada a orientar as famílias sobre como apoiar a educação dos filhos em casa. A cartilha oferecerá estratégias práticas e acessíveis para o engajamento familiar no processo educacional, com foco no desenvolvimento acadêmico e social das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O objetivo é capacitar as famílias com o conhecimento e as ferramentas necessárias para contribuir de maneira eficaz. Além disso, a cartilha será disponibilizada em versão física e digital, garantindo que todas as famílias, independentemente de suas condições de acesso, possam se beneficiar do conteúdo oferecido.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. **Lei nº 14.880, de 16 de maio de 2024**. Estabelece diretrizes para a política nacional de inclusão escolar. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 maio 2024.

CAMARGO, E. A. A. **Sentidos construídos sobre a independência de jovens com Síndrome de Down por um grupo de pais e profissionais**. Disponível em: http://www.educacaonline.pro.br/sentidos_construidos.asp. Acesso em: 13 fev. 2025. Apud: NOGUEIRA, M. L. et al. **Tópicos especiais em educação inclusiva: estigmas e preconceitos**. Curitiba: IESDE, 2004.

COSTA, S. C. P. da. **O impacto do diagnóstico de autismo nos pais**. Viseu, 2012.

DIVERSA. **Painel de Indicadores da Educação Especial**. Disponível em: <https://diversa.org.br>. Acesso em: 24 set. 2024, às 14h20.

DOCUMENTO ORIENTADOR DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE NOVO HAMBURGO. **Educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Novo Hamburgo: SME, 2020.

GLAT, R.; DUQUE, M. A. T. **Convivendo com filhos especiais: o olhar paterno**. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 2003. Apud GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. **Orientação familiar como estratégia facilitadora do desenvolvimento e inclusão de pessoas com necessidades especiais**. *Cadernos – Revista do Centro de Educação*, n. 24, 2004.

GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. **Orientação familiar como estratégia facilitadora do desenvolvimento e inclusão de pessoas com necessidades especiais**. *Cadernos – Revista do Centro de Educação*, n. 24, 2004.

MACHADO, A. C. dos S.; CÁ, T. G. dos S. **A repercussão do diagnóstico do Transtorno de Espectro Autista e a importância do acolhimento da família**. *Saberes em Foco: Revista da SMED NH*, Novo Hamburgo, v. 5, n. 1, out. 2022.

MORAES, M. F. de. **A influência da infraestrutura no desempenho escolar: estudo de caso de três colégios do estado do Rio de Janeiro**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação/CAEd, 2014.

PINTO, R. N. M. et al. **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. *Revista Gaúcha de Enfermagem (Online)*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, 2016.

RODRIGUES, L. R.; FONSECA, M. de O.; SILVA, F. F. **Convivendo com a criança autista: sentimentos da família**. *Revista Mineira de Enfermagem*, Uberaba, v. 12, n. 3, 2008.

ANEXO I - PLANO DE AÇÃO: Estratégias para melhorar a comunicação entre escola e família

Etapa	Ação Planejada	Responsável	Prazo	Observações
1. Diagnóstico Inicial	Levantamento das necessidades de comunicação com as famílias	Especialista da Educação Básica	1ª semana do mês	Pode ser feito por meio de questionário simples às famílias e professores
2. Criação de canais	Estabelecimento de canais diretos e acessível a todos (e-mail, agenda digital, grupo restrito)	Direção e Especialista da Educação Básica	2ª semana do mês	Garantir acessibilidade e privacidade das informações
3. Reuniões individualizadas	Planejamento de reuniões personalizadas com as famílias	Professor regente / Especialista da Educação Básica	Mensal	Preferência por horários acessíveis às famílias
4. Capacitação da equipe	Formação sobre comunicação empática e atendimento às famílias de crianças com TEA	Secretaria de Educação / SMED	Bimestral	Pode envolver especialistas e uso de material didático acessível
5. Sensibilização contínua	Ações de sensibilização sobre TEA	Especialista da Educação Básica/ CMAEE	Trimestral	Ex: roda de conversa, vídeos, dinâmicas com a equipe
6. Acompanhamento e avaliação	Avaliação da efetividade das ações de comunicação	Equipe gestora	Bimestral	Aplicar novo questionário e revisar estratégias conforme resultados
7. Ações de reforço	Reforço de práticas bem-sucedidas e ajustes quando necessário	Direção e Especialista da Educação Básica	Contínuo	Compartilhar boas práticas com toda a equipe escolar

ANEXO II - PLANO DE AÇÃO: Incentivo ao Envolvimento Familiar nas Atividades Escolares

A participação ativa dos pais no processo educacional de seus filhos é essencial para o sucesso acadêmico e social dos estudantes. A seguir, apresenta-se um fluxo de organização para incentivar o envolvimento familiar nas atividades escolares, com foco na criação de um ambiente colaborativo e de apoio mútuo.

1. Planejamento e Comunicação

Identificação de Necessidades

- Reunião de Coordenação: Realizar reuniões com a equipe pedagógica para identificar as necessidades da escola e dos alunos que podem ser atendidas com a participação dos pais.
- Pesquisa com Pais e Alunos: Conduzir pesquisas para entender as expectativas e sugestões das famílias sobre seu envolvimento nas atividades escolares.

Criação de um Calendário de Atividades

- Definição de Eventos: Estabelecer datas para eventos e atividades ao longo do ano letivo que incentivem a participação dos pais.
- Divulgação Prévia: Garantir que as datas e detalhes das atividades sejam divulgados com antecedência para facilitar o planejamento das famílias.

2. Desenvolvimento de Atividades Inclusivas

Atividades em Sala de Aula

- Projetos Colaborativos: Criar projetos que permitam a participação direta dos pais em atividades em sala de aula, como leitura compartilhada, oficinas de arte e ciência, ou apresentações temáticas.
- Visitas Guiadas: Organizar dias de visita onde os pais possam acompanhar o dia a dia escolar e interagir com professores e alunos.

Eventos Extracurriculares

- Feiras Culturais e Científicas: Promover feiras onde os pais possam ajudar na organização e execução, bem como participar como jurados ou palestrantes convidados.
- Oficinas de Capacitação: Oferecer oficinas para pais sobre temas de interesse, como tecnologia educacional, apoio emocional e estratégias de aprendizagem.

3. Criação de um Ambiente Acolhedor

Espaços de Diálogo e Troca

- **Encontros Regulares:** Realizar encontros mensais para discutir o progresso dos alunos e compartilhar experiências entre pais e educadores.
- **Grupos de Apoio:** Criar grupos de apoio para pais, onde eles possam trocar ideias e estratégias sobre como apoiar os filhos em casa.

Reconhecimento e Agradecimento

- **Destacar Participações:** Valorizar a participação dos pais através de menções em boletins informativos ou eventos de apreciação.
- **Feedback Contínuo:** Criar um sistema de feedback onde os pais possam compartilhar suas experiências e sugestões para melhorar futuras atividades.

4. Avaliação e Ajustes

Avaliação de Impacto

- **Coleta de Dados:** Recolher dados sobre a participação dos pais e o impacto no desempenho e bem-estar dos alunos.
- **Análise de Resultados:** Analisar os resultados para identificar o que está funcionando bem e o que pode ser melhorado.

Ajuste de Estratégias

- **Flexibilidade e Adaptação:** Estar disposto a ajustar as estratégias e atividades com base no feedback recebido e nas mudanças nas necessidades da comunidade escolar.

Ao seguir este fluxo de organização, a escola pode se tornar um espaço de interação e aprendizado coletivo, onde as famílias se sintam acolhidas e incentivadas a contribuir ativamente para a educação e desenvolvimento dos seus filhos.

ANEXO III - PLANO DE AÇÃO: Como apoiar seu filho em casa.

